DO LO RES
editora

LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

plumas, arquibancadas e paetês

uma história da Coligay

LUIZA AGUIAR DOS ANJOS

Plumas, arquibancadas e paetês

uma história da Coligay

DOLORES
editora

O ano de 1977 começou para o Grêmio sob forte pressão da torcida. ×s[1] gremistas, já detentor×s de certa fama de impacientes e pouco tolerantes, alimentavam sua cobrança no descontentamento acumulado ao longo de oito anos sem títulos: a última taça erguida pelo clube tricolor, que outrora gozava da hegemonia estadual, tinha sido conquistada no longínquo (futebolisticamente falando) ano de 1968[2]. A insatisfação dess×s torcedor×s era ampliada pelo sucesso do principal rival, o Internacional, que não apenas havia conquistado todos os Campeonatos Gaúchos desde 1969, como era o então bicampeão nacional, tendo conquistado a Copa Brasil de 1975 e 1976.

É nesse contexto aparentemente desfavorável para celebrar o Grêmio que o empresário Volmar Santos resolve criar uma nova torcida para apoiar o clube: a Coligay. Não chega, contudo, a ser uma contradição. Não raro, longos períodos de maus resultados de um clube provocam uma espécie de mobilização de seus/suas torcedor×s a fim de apoiá-lo, ajudando-o a superar a crise[3]. Em entrevista para a pesquisa acadêmica que resultou em minha Tese de Doutorado[4] – e se transformou em livro, aqui nas suas mãos uma pequena amostra antes do lançamento[5] –, Volmar conta que

---

1 Utilizo o "x" com o intuito de adotar uma linguagem não-binária. A escolha visa descaracterizar a ideia de que as palavras são masculinas ou femininas, assim como a utilização do masculino como referência. Ao usar o "x" busco contemplar igualmente homens, mulheres e aqueles que fogem da norma binária.

2 O Grêmio vinha de um heptacampeonato (1962-1968) e um pentacampeonato (1956-1960).

3 Costumam ocorrer episódios, por exemplo, de altas médias de público quando um clube luta para não ser rebaixado, assim como quando disputa o retorno a uma série superior.

4 A Tese de Doutorado em questão, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mais precisamente no ano 2018, se chama: "De 'São bichas, mas são nossas' à 'Diversidade da alegria': uma história da torcida Coligay".

5 O lançamento do livro completo está previsto para o segundo semestre de 2020, mais uma vez pela **Dolores Editora**, uma casa de publicações dedicada ao futebol.

a ideia lhe ocorreu durante uma partida no Olímpico[6]: "O Grêmio há muitos anos não ganhava o campeonato e entrei dentro do estádio e vi que a torcida estava muito morna, achei que faltava ânimo para aquela torcida e aí me veio a ideia de formar uma torcida organizada".

A impressão era compartilhada por outr×s torcedor×s e pela imprensa. Um dos apaixonados pelo clube, Pancho, sempre achou "a torcida do Grêmio 'bunda mole'. Porque a torcida do Grêmio só se manifestava quando o Grêmio tava bem. A maioria dos jogos era sentado. [...] a torcida do Grêmio era difícil. O time precisando do apoio e a torcida estava sentada". Outro aficionado, Ricardo, faz uma avaliação similar: "Era ficar sentado, vendo, levantar, dar uma gritada com o juiz, alguma coisa assim, mas ficava mais sentado. Não é... Na época a gente falava dos argentinos, que os argentinos passavam o tempo inteiro cantando, pulando e cantando, aqui não era normal isso aí. [...] todo mundo ficava sentado, vendo o jogo, não tinha assim essa coisa de ficar gritando. Era bem mais tranquilo, mais 'light'". Uma reportagem da Folha da Manhã de 1977 decreta, por fim, que "Os torcedores do Grêmio são tradicionalmente silenciosos, manifestando-se somente em momentos difíceis ou para comemorar um gol"[A].

Até o surgimento da Coligay havia duas torcidas organizadas do Grêmio: a Eurico Lara[7] e a Força Azul. A Eurico Lara começou como uma espécie de torcida oficial, vinculada ao clube e constituindo-se em um Departamento. A Força Azul, por sua vez, era autônoma, sendo reconhecida como a primeira torcida organizada gremista independente[8]. Na década

---

6 Estádio de propriedade do Grêmio, inaugurado em 1954 e utilizado até 2013, quando o clube passou a mandar suas partidas em sua nova praça esportiva: a Arena Grêmio.

7 O nome da torcida remete ao ex-goleiro Eurico Lara, que atuou no Grêmio entre 1920 e 1935. O atleta faleceu logo após a disputa de um Gre-Nal, tendo o atleta jogado mesmo ciente de seus problemas cardíacos. Ele ficou marcado como um atleta que deu a vida pelo Grêmio. Disso, surgiu uma lenda de que, na partida, ele teria defendido um pênalti tão forte que teria feito seu coração parar, levando-o à morte ainda. No hino do clube, composto por Lupicínio Rodrigues, o atleta é homenageado nos versos "Lara, o craque imortal/ Soube seu nome levar/ Hoje com mesmo ideal/ Nós saberemos te honrar".

8 Esta informação considera a fala de diversos entrevistados ao longo da produção desta obra, assim como os registros de jornal analisados.

de 1980, à medida que mais agremiações surgiram, a Eurico Lara tornou-se o setor responsável por coordenar e apoiar, inclusive financeiramente, as atividades dessas torcidas.

A Coligay constituiu-se também como uma torcida independente, não recebendo auxílios financeiros do clube, opção adotada, segundo seu líder, porque ele era contra a lógica de subsídios promovida pelo Departamento: "Eu acho que a torcida tem que dar apoio total e irrestrito ao time, mas não tirar, não tirar do clube. O clube já tem as suas despesas e suas coisas. Não tem razão de tirar. Como é que os outros pagam? Tem que ser todo mundo igual. Sou contra isso".

Além disso, seria pouco provável que as pessoas lideradas por ele fossem aceitas na Eurico Lara. O líder da torcida/departamento, o diretor gremista José Buaes, manifestava publicamente seu desgosto pelo grupo chegando a classificar sua presença nos estádios como "lamentável"[B]. De forma mais tolerante, outro diretor da Eurico Lara, Elton Lopes, afirmou, em reportagem de 1977: "Se eles querem ajudar ao Grêmio torcendo como qualquer outra pessoa, acho que não haverá problema. Nós realmente não gostamos muito daquilo, mas cada um na sua, não é?"[C]. Já Gerson, ex-integrante da torcida organizada, não se recorda de haver uma relação de hostilidade de seu agrupamento com a Coligay, indicando que, talvez, os maiores incomodados fossem membros da diretoria e não os componentes. Volmar Santos confirmava a existência das tensões, tendo dito, na mesma reportagem, que "nosso principal inimigo são algumas pessoas do Departamento Eurico Lara. Eles estão fazendo tudo para acabar conosco".

A Força Azul, por sua vez, acolheu a nova torcida sem maiores restrições. Segundo um de seus membros, Jorge Menezes, "logo que a Coligay surgiu, nós a recebemos muito bem. Sempre que chegam grupos novos, ou até mesmo torcidas de outras cidades, nós tratamos de dar força. E eles, já que torcem para o Grêmio, ainda têm mais razões para serem aceitos"[C].

De todo modo, não me parece em momento algum que o idealizador da Coligay tivesse interesse de se integrar a uma torcida organizada que não

fosse liderada por ele, levando a cabo suas ideias de fazer coisas diferentes, aspecto que ele costuma salientar. Sinal disso é o fato de Volmar nunca ter sido parte de nenhuma outra torcida e ter fundado e liderado não apenas a Coligay, mas também a Garra Alviverde, torcida do Gaúcho[9], clube de sua cidade natal. Se o mesmo não se pode dizer de outros integrantes, que chegaram a compor outras torcidas organizadas antes e/ou depois da Coligay, é fato que uma torcida voltada especificamente ao público LGBT+[10] foi um elemento bastante atrativo entre tod×s.

Volmar buscou ×s companheir×s para sua nova empreitada dentro da boate gay que administrava, o Coliseu, por isso o nome escolhido para a torcida foi Coligay: Coli, de Coliseu, e gay do público que a compunha. Presenciei repetidas vezes Volmar explicando a origem desse nome, aparentemente com o intuito de enfatizar a importância que a boate teve na constituição da torcida: "O Coliseu era a sede oficial da Coligay, lá era o lugar dos encontros da Coligay, lá onde o pessoal se divertia a noite inteira, muitos dos componentes faziam shows lá dentro da boate também. O Coliseu... Tudo aconteceu dentro do Coliseu, se não fosse o Coliseu não teríamos tido a Coligay. Porque foi lá dentro que foi fundada a torcida, com o público que frequentava, como eu disse".

Analisando os relatos d×s integrantes da Coligay que entrevistei, não me parece um exagero de Volmar afirmar que "se não fosse o Coliseu não teríamos a Coligay". Primeiramente, no contexto da época de uma homossociabilidade cerceada e guetificada, e no qual ainda não havia grupos de militância LGBT+, talvez seja improvável pensar outra forma de reunir um grupo de homossexuais e travestis que não por meio de uma boate voltada a esse público. Mas a importância do Coliseu vai além da formação da

---

9 Sport Club Gaúcho, de Passo Fundo (RS).

10 A sigla LGBT se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. O uso do + visa ampliar as possibilidades de identificação coletiva às pessoas cujas identidades destoam do referente cisgênero heterossexual. Reconheço que essa sigla não é consensual, visto que há debates políticos mesmo dentro dos movimentos de militância sobre qual deveria ser a sigla para se referir a tais sujeitos e seus coletivos representativos.

torcida, sendo um ponto de apoio fundamental para a manutenção dessa mesma torcida ao longo de toda a sua trajetória.

Tal qual a sede de qualquer torcida organizada, era ali onde começava a preparação para a ida aos jogos, mas que, neste caso, era antecedido também pela curtição da noite na boate. ×s componentes iam ao Coliseu na noite do sábado, onde viravam a madrugada se divertindo, e, na manhã seguinte, ali mesmo, se organizavam e seguiam para o estádio. Como lembra Careca, "o espaço era a boate. As outras torcidas não, as outras torcidas eram dentro da sala. A Máquina, a Força Azul, eram dentro da sala, a Coligay não, a Coligay era dentro da boate, ali é que surgia tudo. Durante aquela meia hora que nós íamos para o estádio é que já saía 'ah eu vou levar essa pluma', saía com a pluma, 'ah eu vou levar isso', saía com aqueles chapéus. Era assim que era feito o negócio".

Outro integrante da Coligay, Serginho complementa: "Ele [Volmar Santos] nos dava pão com mortadela e nós saíamos do Coliseu direto pro Olímpico, já dançando desde o Coliseu até o Olímpico, que era próximo, ou íamos para o interior ou então assistíamos os jogos no Olímpico aqui". O vínculo com a boate, por outro lado, foi visto com desconfiança por Miguel. No entendimento desse membro da torcida, interessava a Volmar circular e tornar-se conhecido entre outros empresários, especialmente aqueles do emergente mercado LGBT+. A mesma hipótese foi levantada pelo repórter Divino Fonseca, em reportagem de 1977. A ele, Volmar respondeu que era sócio do Grêmio há dois anos e que ia ao estádio desde garotinho, provando seu gremismo. Como torcedor apaixonado, viu a possibilidade de ajudar o clube criando uma torcida mais animada que a de então e que, ao recrutar adeptos para uma torcida, era natural que buscasse "gente como ele"[B].

Sem questionar a paixão clubística de Volmar, é inegável que a torcida trouxe visibilidade à boate, constantemente citada nas reportagens que apresentavam a Coligay e lembrada pelo próprio nome do grupo. O líder, comumente citado em matérias de jornais, com frequência mencionava que

×s integrantes tinham ido do Coliseu direto para o estádio, reforçando o vínculo da torcida com o espaço. Outra evidência é uma nota na Zero Hora, que faz um anúncio de uma festa na casa noturna, fazendo um convite em nome da torcida:

> A torcida Coligay – considerada como pé quente no ano em que o Grêmio venceu o campeonato regional – está convidando todos gremistas para uma festa muito especial na Boate Coliseu, hoje à noite. Será uma noite memorável, com a entrega dos troféus dos destaques de 1977, para os artistas e clientes da boate.
>
> Zero Hora - 1978[D]

Léo Gerchmann, autor de livro sobre a Coligay, também reconhece a notoriedade que a torcida deu à casa e afirma que, em função disso, jornalistas, radialistas e jogadores passaram a frequentá-la "em busca de diversão garantida, boa bebida, companhia agradável e ambiente acolhedor"[E]. O ex-jogador Tarciso confirma que ele e outros atletas gremistas costumavam frequentar a casa: "É, depois do jogo a gente dava uma passada lá, principalmente quando ganhava pra dar um abraço na rapaziada e partir depois pra noite, e ir embora...". A presença recorrente de jogadores já levou até mesmo o técnico Telê Santana a ir ao Coliseu procurá-los, com o intuito de garantir que seus atletas estivessem descansando adequadamente e não curtindo noitadas.

A estreia da Coligay foi planejada para ser marcante. Confeccionaram bandeiras e roupas especialmente para a ocasião, além de organizarem uma charanga. Empolgado, Careca, anunciava na época: "Vamos renovar todo o esquema de torcer no Rio Grande do Sul. Estamos muito excitados com essa ideia"[C].

O financiamento da Coligay ocorria principalmente por meio de apoiadores do próprio universo LGBT+ e/ou de torcedores gremistas, que eram procurados por Volmar. Em reportagem do jornal gaúcho Zero Hora, o presidente da torcida afirmava: "Somos sustentados pelo movimento gay de Porto Alegre. São todos nossos amigos. Há muitas pessoas da

alta sociedade"[C]. Para a revista Placar, ele citou a contribuição de "pessoas bem nascidas" por meio de um Livro de Ouro e de jantares beneficentes[B]. Careca menciona "cabeleireiros grandes que ajudavam, mas não participavam, que não queriam botar o nome na jogada".

Miguel informa que Volmar "arrumava dinheiro de alguma maneira, talvez com o próprio clube", e que empresários, amigos do líder da torcida, costumavam doar carne e cerveja para suas festas. Reportagens da Zero Hora citaram, também, o patrocínio da boate LGBT+ Whisky Geg[F]. O próprio Volmar, por sua vez, afirma ter obtido patrocínios de conselheiros do Grêmio que eram empresários e que, quando necessário, também usava do próprio dinheiro, vindo da boate.

Serginho relata, ainda, que os componentes frequentemente ajudavam, adquirindo algumas peças que eram usadas pelo grupo. A torcida, contudo, não vendia blusas, casacos ou bonés próprios, como veio a ser comum entre torcidas organizadas da década de 1980 em diante. A todas as demais estratégias, somavam-se ações pontuais como pedágios[G] e shows informais em espaços públicos.

Diferentemente de seus/suas integrantes, a charanga da Coligay não foi composta por frequentador×s do Coliseu. Entendendo que ela era fundamental a uma torcida organizada, Volmar quis garantir uma banda profissional que ×s acompanhasse. Assim, convidou alguns instrumentistas da Escola de Samba Imperadores do Samba, cujo mestre de bateria, Neri Caveira, ele e outr×s integrantes conheciam. Os instrumentistas eram contratados, compartilhando churrasco e cerveja com ×s componentes da torcida, mas também recebendo um cachê[B]. A qualidade da banda é um atributo exaltado por muit×s torcedor×s gremistas. Bobis, que integrou a torcida Super Raça Gremista, relembra que eles "tinham uma batucada muito boa. Pessoal tinha uma banda super boa, a deles". Volmar lembra que eles compunham versos para ser cantados para os atletas, nos quais muitas vezes utilizavam a própria homossexualidade como artifício lúdico,

como nos exemplos: "vamos todas para o altar, que chegou o Baltazar"; "Com tanga ou sem tanga, queremos o Manga"[H].

Serginho lembra que a influência argentina nos cânticos atuais da torcida do Grêmio não estava presente naquela época, quando a banda da Coligay tocava apenas sambas. "Na época não tinha muito isso. Na época da Coligay era muito samba, era carnaval, eu te falei, carnaval, era muito sambão". Ele não se recorda da criação de composições próprias da torcida, mas lembra de seu hino. Quando perguntei se eles cantavam o hino no estádio, ele respondeu: "Cantava. E chegávamos cantando nos lugares que a gente ia, nos jogos, nos campos. Não precisavam cantar o hino pra dizer que era da Coligay, mas tudo bem né? Ele [Volmar Santos] fazia questão, então a gente cantava. [risos]".

O hino foi criado com a ajuda do jornalista Hamilton Chaves, parceiro de composição de Lupicínio Rodrigues, autor do hino do Grêmio[E]. A canção versa:

Nós somos da Coligay
Com o Grêmio eu sempre estarei
É bola pra frente
Campeão novamente
É Grêmio, força e tradição
Sou tricolor pra valer
Pra vibrar e vencer
Para o que der e vier
Nós, Coligay de pé-quente
Estaremos presentes
Onde o Grêmio estiver

O primeiro jogo da Coligay aconteceu no dia 10 de abril de 1977, em um jogo contra o Santa Cruz, no Olímpico[B]. Volmar relembra que, "no primeiro dia que nós entramos foi um escândalo dentro do estádio ninguém imagina, ninguém sabia o que estava acontecendo. Inclusive houve, quase houve, agressão ao nosso pessoal, e graças à Brigada Militar é que isso não aconteceu [...] Foi [agressão] verbal até o momento que chegou

a Brigada, mas poderia ter sido mais grave, né? Porque eu não tinha ideia que podia acontecer um tipo de coisa dessas".

A quase agressão impedida pela chegada da Brigada Militar, segundo Volmar, não se repetiu: "A partir dali começou, algumas pessoas faziam alguns comentários, gritavam, apupavam como se dizia na gíria, mas nada que fosse para agredir".

Já na lembrança de Careca sobre esse ocorrido, quem estabeleceu a paz na partida de estreia da torcida não foi o policiamento, e sim um dos membros da Coligay: "A primeira vez que nós fomos ao estádio foi um horror, porque a gente saiu da boate de manhã e fomos para... Tudo caracterizado, pintado, com aquele camisão, aquela camisola escrita Grêmio, lá começa uma confusão porque a torcida não queria aceitar, eu vou falar palavrão... [autora consente que se fale palavrão] Lá quando nós sentamos, tinha um negrinho que se chamava Frank que fazia dublagem na boate e aí a briga rolando, a bicha saiu toda se rebolando, sai para frente e grita 'Para, para, para! Tem cu pra todo mundo' [risos]. Desde aí a torcida começou a ser respeitada".

A reação de Frank à situação enfrentada produz seu sentido cômico ao caracterizar aquela briga como uma disputa por um parceiro sexual, invertendo o desgosto em desejo. A piada desestabiliza a masculinidade que supostamente estava sendo reafirmada pela agressão homofóbica. Mais do que o fato em si, o sentido que carrega essa situação anedótica justifica sua rememoração pelos componentes daquela torcida em formação.

O relato que menciona tanto a "briga rolando" quanto a caracterização do grupo e a interpelação debochada de Frank anunciava um pouco do que estava por vir com aquele novo coletivo de torcedores: uma torcida disposta ao conflito físico para defender seu direito de ocupar as arquibancadas e que, ao mesmo tempo, adotava orgulhosamente uma performance caricata e jocosa.

Referências

Para que o livreto em suas mãos tenha sido, de fato, um convite à leitura, com poucas interrupções, reunimos todas as referências aqui no fim.

Entrevistas
Ao longo desta amostra foram utilizados trechos de entrevistas fornecidas diretamente à autora para a produção de sua Tese de Doutorado, no período entre 2014 a 2018. Os entrevistados mencionados foram:

Careca (Osmar Dziekaniaki Rodrigues): torcedor gremista e antigo integrante das torcidas Eurico Lara, Força Azul, Coligay e Máquina Tricolor, tendo participado da fundação das três últimas.

Miguel Ribeiro: torcedor gremista e antigo integrante das torcidas Coligay e Força Azul.

Serginho (Sérgio Luiz Cunha): torcedor gremista e antigo integrante das torcidas Coligay, Força Azul, Garra Tricolor e Máquina Tricolor.

Volmar Santos: torcedor gremista, idealizador e líder da torcida Coligay.

Bobis (Luiz Heitor Meireles da Costa): torcedor gremista e antigo integrante da torcida Super Raça Gremista.

Gerson Vieira: torcedor gremista e antigo integrante da torcida Eurico Lara.

Pancho (Francisco Jackson Rivas): torcedor gremista e antigo integrante da torcida Garra Tricolor.

Ricardo Heine: torcedor gremista.

José **Tarciso** de Souza: jogador do Grêmio entre 1973 e 1986.

Fontes

A DEZ MINUTOS... Folha da Manhã. Porto Alegre, p.32, 26 set. 1977.

B FONSECA, Divino. Para o que der e vier. Placar, n.370, p.48-50, 27 mai. 1977.

C BUENO, Eduardo. Grêmio está recebendo um incentivo diferente. Zero Hora, Porto Alegre, p.44-45, 16 mai. 1977.

D COLIGAY se agita. Zero Hora, Porto Alegre, p.30, 13 jan. 1978.

E GERCHMANN, Léo. Coligay: Tricolor e de todas as cores. Porto Alegre: Libretos, 2014.

F COLIGAY. Zero Hora, Porto Alegre, p.59, 16 jul. 1978.

G TORCIDA: Coligay: história e pedágio da vitória. Zero Hora, Porto Alegre, p.42, 26 set. 1977.

H PARA O QUE DER e vier. Direção: Pedro Guindani. Porto Alegre: Lockheart, 2016.

Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay

Esta é uma amostra do livro *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*, versão adaptada e ampliada da Tese de Doutorado de Luiza Aguiar dos Anjos, realizada no Programa de Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A obra é produzida em parceria com a **Dolores Editora**, uma editora de livros e outras publicações dedicada ao futebol. E não qualquer futebol. Um futebol com mais cores, profundidade e coração. Do jornalismo, da pesquisa acadêmica e da literatura. Dos que vibram com todas as histórias em torno da bola no barbante.

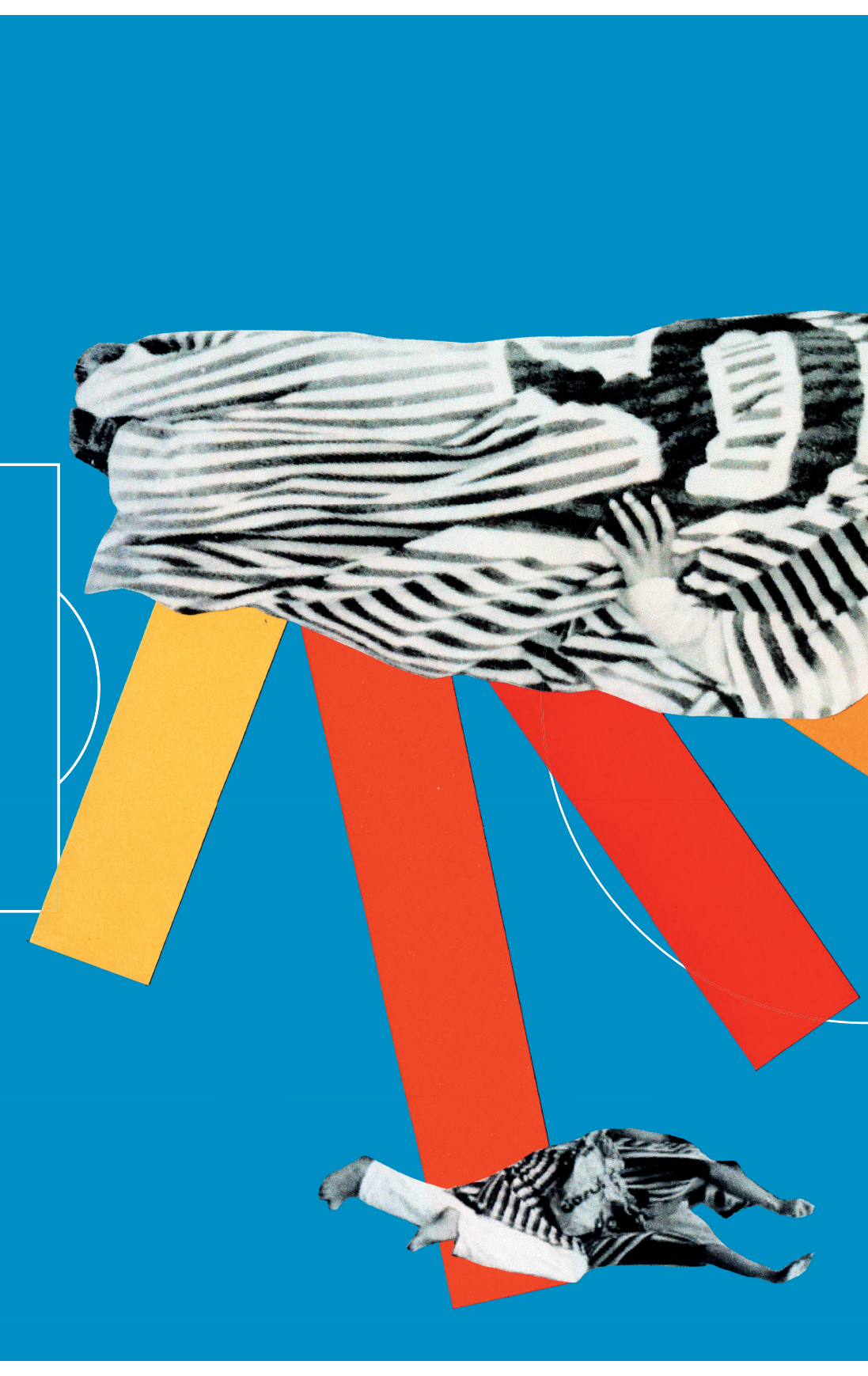
A versão completa de *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay* está prevista para o segundo semestre de 2020. Ano que, inclusive, será marcado por novidades. Acompanhe nossas redes para ficar por dentro:

medium.com/dolores-editora
instagram.com/dolores_editora
twitter.com/dolores_editora

Amostra de *Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay*
Edição única
Composta em Garamond Pro e impresso em Offset 180g/m²
e Pólen Soft 90g/m²

Dolores Editora
São Paulo, SP – Brasil
doloreseditora@gmail.com

Editor-chefe Raul Andreucci
Editor João Andreucci

Ilustração de capa André Bonani
Projeto gráfico coletivo oitentaedois

Imagens reproduzidas nesta obra
Para composição da capa: a maior delas, da revista Veja, edição de 1 de junho de 1977 (p.71). As demais, da página do Facebook da Tribuna 77.
Observação importante: não conseguimos localizar e/ou identificar os autores das fotografias, mas vamos adorar dar os créditos na versão final. Quem souber, então, por favor, nos envie um e-mail com essa informação.